

# A HISTÓRIA DO RITO BIZANTINO

Pedro Lucas de Almeida da Silva de Freitas

A palavra *liturgia* vem do idioma grego e significa *ofício* ou *trabalho do povo*. Em sentido técnico, é o trabalho que o povo oferece a Deus e, de forma mais específica, está associado às celebrações religiosas. No cristianismo, a liturgia tem papel importantíssimo e é plural. Normalmente as pessoas conhecem a missa católica ou o culto protestante, mas existem muitas outras manifestações litúrgicas. Dentre elas, a que será abordada neste artigo, o *Rito Bizantino*.

O Rito Bizantino é um conjunto de liturgias que se desenvolveram no Império Romano do Oriente, também dito Império Bizantino. Tendo como origem principal sua capital, Constantinopla, esse conjunto de liturgias espalhou-se pelo Oriente Cristão, e passou a ser utilizado pelas Igrejas Ortodoxas e algumas das Católicas Orientais. É importante salientar que a Igreja Católica Apostólica Romana está organizada em um conjunto de vinte e quatro Igrejas Particulares *sui iuris*, sendo uma de Rito Latino – mais numeroso e bem conhecido entre as pessoas do Ocidente –, uma de Rito Armênio, duas de Rito Siro-Oriental, três de Rito Siro-Occidental, três de Rito Alexandrino e quatorze de Rito Bizantino.

No Rito Bizantino, a missa é conhecida pelo nome de *Divina Liturgia*. Existem atualmente três Divinas Liturgias utilizadas: a *Divina Liturgia de São João Crisóstomo*, que é celebrada em quase todos os dias do ano; a *Divina Liturgia de São Basílio*, usada dez vezes no ano, nos cinco primeiros domingos da Quaresma, na Quinta-feira e Sábado Santo, na festa de São Basílio Magno (1º de janeiro) e nas vigílias do Natal e da Epifania; e a *Divina Liturgia de São Gregório Dialogista*, também dita *Liturgia dos Dons Pré-santificados*, usada nos dias de semana da Quaresma, exceto nos do Tríduo Pascal. Sua designação se deve ao fato de que nela não há consagração eucarística, utilizando-se dons que já foram consagrados anteriormente. De forma geral, as Divinas Liturgias seguem um mesmo formato, alterando-se apenas algumas orações entre elas.

No Rito Bizantino há uma estreita relação entre o ritual celebrativo, a arquitetura, a iconografia e a interpretação litúrgica, sendo impossível, para reconstituir sua história, tratar apenas do ritual em si mesmo. Todos esses aspectos devem ser considerados, a fim de entender como as mudanças em um destes componentes influenciaram os demais.

## *A liturgia primitiva em Bizâncio*

Mesmo após a Última Ceia, Jesus não deixou aos seus um missal, de modo que, no início, os sacerdotes cristãos tinham liberdade no exercício da liturgia. Sendo assim, havia uma diversidade de liturgias, e pode-se inclusive falar que cada comunidade cristã tinha seu rito próprio. Com o crescimento da influência de grandes centros difusores de cristianismo, já por volta dos séculos II e III, as liturgias começaram a se uniformizar. Pode-se a partir daí classificar as liturgias atuais em três grandes tipos: *Antioquenas*, *Alexandrinas* e *Latinas*.

Bizâncio, antes de ser capital imperial, era uma simples cidade da região da Trácia, e, estando sob a influência litúrgica de Antioquia, tinha uma liturgia deste tipo. A falta de dados impossibilita reconstituir como seria de forma geral essa primeira liturgia em Bizâncio, mas existem alguns traços únicos que provavelmente remontam a essa era. A *Anáfora dos Apóstolos*, de onde se desenvolveria a Divina Liturgia de São João Crisóstomo, é possivelmente uma oração desse período. A *Pequena Ecteni*, acompanhada das *Súplicas (Eticis)*, também são desse período, sendo que originalmente elas estavam no fim da liturgia, vindo depois apenas uma bênção final. Hoje, essas duas litânicas estão depois da *Procissão dos Dons*.

## *O antigo Rito da Catedral de Constantinopla*

É propriamente a elevação de Bizâncio como capital que fará sua liturgia relevante, atingindo seu esplendor máximo no século VI, durante o reinado de Justiniano (r.527-564). O foco central de seu desenvolvimento era obviamente a Catedral de Constantinopla, a Basílica de Santa Sofia. É durante esse período também que se desenvolvem as duas principais Divinas Liturgias, a de São João Crisóstomo e a de São Basílio.

## *Origem da Divina Liturgia de São Basílio*

Existem três Divinas Liturgias atribuídas a São Basílio: uma do Rito Bizantino, uma do Rito Copta e uma do Rito Armênio. As três têm similaridades e diferenças, o que suscita dúvidas sobre qual destas seria se não a autêntica, pelo menos a mais antiga. Vale citar que o critério de autoria de tal peça litúrgica é efetivamente a autoria de sua anáfora, pois os outros elementos podem ter vindo de outros lugares, ao passo que é o elemento anafórico que dá o nome para toda a Divina Liturgia. Sabe-se que Cesareia da Capadócia, onde São Basílio Magno (m.379) foi bispo, tinha uma liturgia própria, apesar de estar

sob a influência litúrgica de Antioquia. Sabe-se também que este Padre da Igreja, querendo combater o arianismo, fez uma grande reforma litúrgica durante seu bispado.

Comparando os textos das Divinas Liturgias de São Basílio, percebe-se duas famílias redacionais, uma com o Rito Armênio e Bizantino, e outra com o Rito Copta. O Rito Armênio e o Rito Bizantino foram fortemente influenciados pelo Antigo Rito de Cesareia, podendo ser encontrados diversos elementos em comum entre eles. A *Anáfora de São Basílio* na sua versão armênia é basicamente uma tradução da versão bizantina. No século X, porém, todas as anáforas, exceto a de *Santo Atanásio de Alexandria*, deixaram de ser usadas entre os armênios. Apesar disso, também a *Divina Liturgia de Santo Atanásio* tem elementos provenientes da antiga liturgia de Cesareia. A introdução das formas litúrgicas de Cesareia na Armênia remonta mesmo a São Gregório, o Iluminador (m.331), que viveu boa parte da vida na mesma cidade de Cesareia e também foi ordenado bispo pelo bispo local, Leôncio de Cesareia (m.337). Assim sendo, apesar de não usar mais a anáfora basiliiana, o Rito Armênio preserva em si muito do que seria a liturgia celebrada por São Basílio. No caso bizantino, é possível que a introdução de sua liturgia tenha ocorrido por obra de São Gregório Nazianzeno (m.389), quando este foi bispo de Constantinopla (380-381), pois ele era muito amigo de São Basílio, mas não se tem certeza de nada disso.

Na versão copta existem diversas diferenças significativas com as demais versões, mas o número de similaridades faz com que seja impossível que as três não estejam relacionadas. Não se sabe como teria sido introduzida essa Divina Liturgia no Egito, mas é possível que isso tenha sido feito durante as curtas estadias de São Basílio nesta região. Existe muito debate em torno da autenticidade desta peça litúrgica, mas ela também apresenta temas e estilos recorrentes na obra basiliiana. Alguns especialistas acreditam que São Basílio primeiro tenha elaborado a versão egípcia e depois levado a liturgia para sua diocese e lá feito modificações sobre o texto anterior. Outro grupo de especialistas dá precedência cronológica para a *Divina Liturgia de São Gregório, o Iluminador*, uma antiga liturgia armênia que não é mais utilizada, mas cujo texto seria uma versão mais próxima do que seria a liturgia basiliiana original; neste caso, a versão copta seria uma versão bem modificada das suas precedentes bizantinas e armênias. Efetivamente, contudo, não há dados em nossos dias para resolver os problemas de autenticidade, precedência e dependência literária entre as diferentes versões da Divina Liturgia de São Basílio.

## Origem da Divina Liturgia de São João Crisóstomo

Tradicionalmente a Divina Liturgia de São João Crisóstomo é atribuída ao santo de mesmo nome (m.407), que a teria composto durante seu bispado em Constantinopla ao fazer um resumo da Divina Liturgia de São Basílio. Leôncio de Bizâncio (m.543), entretanto, faz referência a duas anáforas celebradas em Constantinopla na sua época, uma de São Basílio e outra dos Apóstolos. Isso é curioso, pois, não há nenhuma anáfora atribuída aos Apóstolos no Rito Bizantino em nossos dias, e, além disso, ele não cita a de São João Crisóstomo, que deveria estar sendo usada já nessa época, visto que Leôncio viveu menos de um século depois da morte do santo bispo. Para complicar a questão ainda mais, nenhum escrito da época de São João Crisóstomo sustenta que ele tenha composto alguma liturgia. Tudo isso abriu grandes dúvidas sobre a autoria dessa Divina Liturgia, porém um estudo feito por Robert F. Taft parece confirmar a tradição, ao mesmo tempo que também a contradiz em certos pontos.

Para estruturar seu argumento, Taft se utilizou da *Anáfora Siríaca dos Apóstolos*, descoberta por Mar Inácio Efrém II Rahmani, Patriarca dos Siríacos Católicos (r.1898-1929). Comparando-a com a de São João Crisóstomo em uso no Rito Bizantino, o mesmo Taft percebeu uma grande similitude entre elas. Então inseriu os trechos que diferem em uma base de dados computadorizada e procedeu a uma comparação sistemática entre eles e diversos escritos da patrística, da filosofia clássica e helenística e outros textos litúrgicos cristãos. O resultado desse exercício foi surpreendente. Os quatro epítetos apofáticos da Divina Liturgia dita de São João Crisóstomo – *Inefável*, *Inescrutável*, *Invisível*, *Incompreensível* – só aparecem nessa ordem, que é a mesma da referida peça litúrgica, na obra de São João Crisóstomo e em nenhuma outra parte. A expressão “existindo sempre e sempre o mesmo”, igualmente presente nessa liturgia, também é única desse santo, aparecendo três vezes na sua obra. Já o trecho “por todos os benefícios conhecidos e ignorados, manifestos e ocultos” aparece em quatro passagens, mas também é encontrado na *Divina Liturgia de Nestório*; todavia, existe uma clara dependência literária deste texto para com a anáfora mais comum do Rito Bizantino – o que é lógico, posto que Nestório foi bispo de Constantinopla por certo período (428-431) –, configurando indiretamente mais um *hápx* de São João Crisóstomo. Outros trechos da Divina Liturgia de São João Crisóstomo também são abundantes na obra deste santo, mas não são exclusivos dele, não podendo, portanto, ser usados para determinar autenticidade.

Isso considerado, Taft conclui, juntando diversas evidências que São João Crisóstomo durante seu bispado de fato compôs a anáfora que tradicionalmente lhe é atribuída a partir de uma antiga anáfora, chamada Anáfora dos Apóstolos. E esta antiga anáfora também foi base para a composição paralela da Anáfora Siríaca dos Apóstolos.

### *Arquitetura e mistagogia*

Após a introdução do que seriam as duas grandes Divinas Liturgias bizantinas, falta a transformação final, onde liturgia, arquitetura e mistagogia se encontraram e deram origem a uma liturgia de fato bizantina.

Ora, desde o tempo de São Gregório Nazianzeno, sabe-se que havia diversas procissões na cidade de Constantinopla, efetivamente tornando-se uma marca religiosa da cidade o fato de seus habitantes sempre estarem a fazer procissões. O resultado disso é que se gestou aí uma liturgia estacional, onde havia paradas ou estações durante a procissão. Tal circunstância criou uma necessidade arquitetônica nas igrejas, que foram convertidas também em estações de procissões. E vale lembrar que não apenas igrejas, mas também outras construções civis, como o Fórum de Constantinopla, também eram tantas outras paradas ou estações nesses cortejos religiosos.

Com a construção ou reconstrução da Basílica de Santa Sofia por Justiniano essa necessidade acabou por ser saciada, inaugurando uma liturgia de fato bizantina. Havia numerosas portas pelos quatro cantos da construção, sendo a maior na face oeste, que dava para um átrio; ali a procissão parava enquanto o patriarca e seus auxiliares seguiam para o nártex, realizando neste ponto os ritos preparatórios para entrar na igreja. Normalmente o imperador e seus dignitários também participavam dessas orações especiais no nártex. Propriamente no interior da igreja, havia ainda marcas no chão para guiar o povo nestes trânsitos. No fundo do abside, havia o *synthronon*, uma construção semicircular elevada com degraus, onde, no alto, ao centro, colocava-se a cátedra do bispo, permitindo que todos o vissem e ouvissem bem. Fora da igreja, havia um espaço que iria dar origem ao *skeuophylakion*, onde as pessoas poderiam deixar doações. Ele ficava aberto mesmo antes da abertura da igreja pelas orações do patriarca. Outras estruturas se desenvolveram neste período, mas que não eram exclusivas de Constantinopla, como o coro e as galerias – sendo que esta última ainda não se sabe para que era usada.

De outra parte, na mistagogia se desenvolveu uma visão de uma liturgia cósmica, onde a igreja era representação do próprio cosmos, como

se vê, por exemplo, na *Mistagogia* de São Máximo Confessor (m.662). Essa visão não foi criada pelos bizantinos, mas se tornou dominante nesta época em sua forma específica de compreender e experienciar o cristianismo. Assim sendo, as igrejas bizantinas eram monumentais e tudo o que se lhes relaciona era enorme, não só pelas necessidades práticas, mas também para dar uma sensação *cósmica* dos ritos que se desenvolviam ao seu redor e em seu interior. Também por isso, ainda não havia muitos afrescos ou mosaicos a lhes adornar, pois não havia necessidade dessas decorações, dada a própria grandeza bruta das construções.

Uma outra mistagogia, oriunda de Antioquia, também chegou a Constantinopla, mas só foi se consolidar no século VIII. Ela está presente nas homilias de Teodoro de Mopsuéstia (m.428), e depois encontrou expressão e síntese na obra de São Germano de Constantinopla (m.730). Ela apresenta uma visão *histórica* da liturgia, onde cada momento da celebração estaria conectado a um momento da história da Salvação. Com isso, por exemplo, introduz-se o uso de véus no cálice e na patena, pois estes representariam de início o Santo Sudário, criando-se diversas rubricas de quando colocá-los, tirá-los, incensá-los e usá-los de diversas formas, além de orações que se articulam com essa visão histórica. Esta mistagogia também trouxe à celebração uma maior valorização dos ícones.

Estas duas mistagogias, a cósmica, mais antiga e simbólica, e a histórica, mais iconográfica e realista, acabaram por se chocar, sendo este choque um dos motivos da *controvérsia iconoclasta* no Império Romano do Oriente (726-842).

## *O ordenamento da liturgia*

No tempo de São João Crisóstomo, o bispo e os padres entravam na igreja falando ao povo: “Paz a todos!”, e o povo respondia “E a teu espírito”. Depois de entrarem, o clero ia para uma pequena construção elevada no meio da igreja, chamada *bema*, enquanto o povo ocupava o resto da nave em volta dela, e dali todos ouviam as leituras bíblicas. Note-se que então não havia ainda um canto de entrada.

Originalmente três leituras bíblicas eram proclamadas nesta liturgia, uma extraída do Antigo Testamento, normalmente dos Profetas, uma das Epístolas e uma do Evangelho. Entre as leituras se rezavam ou cantavam dois Salmos, o primeiro chamado de *Prokeimenon* e o segundo de *Alleluia*, mas diferente do que é feito hoje, onde só se reza um verso, naquele tempo, se rezava o salmo inteiro. Após a homilia, tinha-se o ósculo da paz. Depois se preparavam os dons e se

fazia a procissão que os conduzia pela igreja até o altar. Em seguida, realizava-se a liturgia eucarística, com a proclamação da anáfora, a consagração e a distribuição da Eucaristia.

Com a liturgia estacional, em cada parada da procissão, se rezavam ou cantavam três antífonas, depois se lia algo do Evangelho ou das Epístolas e, por fim, as súplicas (*eirenika*). Entre as estações se rezava ou cantava um Salmo com um tropário repetindo a cada verso. No início, o tropário usado era o *Triságio*. Ao fim da procissão, concluía-se o Salmo com o *Glória ao Pai*, e se repetia o *Triságio* mais duas vezes. No século VI, essas estruturas se estabelecem no interior da celebração da liturgia mesmo quando não havia uma procissão. As três antífonas eram rezadas ou cantadas antes de entrar no templo, e o *Triságio* era usado como canto de entrada. Com isso, logo se compôs a oração antes do *Triságio* e as súplicas passaram a ser entoadas imediatamente após a leitura do trecho do Evangelho.

Ainda no século VI foram compostos outros tropários, como o “Ó Filho Unigênito” (*O Monogenes*), que segundo a tradição foi composto pelo próprio imperador Justiniano I. Um outro hino composto neste período, mas que vai ser usado na procissão dos dons, como é até hoje, é o *Cherubikon*. O *Credo* também foi acrescido ao interior da liturgia nesta época.

No século VII, a preparação dos dons passou a ser feita no início da celebração; enquanto se rezavam as antífonas, os diáconos seguiam para o *skeuophylakion*, que havia chegado à sua forma final. Tratava-se este de uma construção cilíndrica, fora da igreja, que servia como uma sacristia. Ali os diáconos preparavam os dons, iniciando o desenvolvimento da *Prothesis*, o rito preparatório. Terminada as antífonas, os salmistas, do coro, cantavam “Ó Filho Unigênito”. O Patriarca, em frente às *Portas Reais*, que separavam a nave do santuário, rezava o intróito: “Senhor nosso Deus, Vós que estabeleceste nos Céus legiões e exércitos de Anjos e de Arcanjos para o serviço de Vossa glória, fazei que com a nossa entrada se realize a entrada dos Santos Anjos que conosco sirvam e glorifiquem Vossa bondade...” Nota-se o teor cósmico desse intróito, que ainda hoje é rezado, mas como oração secreta, ao final da procissão do Santo Evangelho. Depois todos entravam com o *Triságio* e assim seguia a liturgia.

No século VIII, o Império Bizantino passou por sérias turbulências políticas, que acabaram por causar impactos também no ordenamento da liturgia. É desse século também o mais antigo eucolégio – livro contendo a Divina Liturgia, o rito dos sacramentos e outros ofícios religiosos – do rito bizantino que chegou até os dias de hoje, o *Barberini gr.336*, proveniente do sul da Itália.

## A Reforma Estudita

Em 842, a heresia iconoclasta foi derrotada, abrindo um novo caminho para a liturgia bizantina. O clero secular havia perdido prestígio por conta de sua adesão a esta posição condenada como herética, enquanto os monges aumentaram seu prestígio, pela sua defesa da Fé Ortodoxa. Com isto, a liturgia tendeu a se tornar bem mais monacal.

O *Mosteiro do Estúdio*, que era o centro de resistência iconodúlca, tornou-se o verdadeiro centro religioso do Império, graças principalmente à liderança de São Teodoro Estudita (m.826), cujas ações foram uma reviravolta na liturgia bizantina. Ele sabia que seria necessária uma reforma monástica, de modo a fortalecer aqueles bastiões contra as insídias da heresia. Para isto, ele chamou alguns monges do Mosteiro de São Sabas, que ficava entre Jerusalém e o Mar Morto. Este mosteiro, que teve um papel importantíssimo na defesa e divulgação da cristologia calcedônica na Siro-Palestina nos séculos V a VII, era também um centro irradiador de novos hinos e da liturgia hierosolimitana.

Tudo isto faz parte de um processo que é normalmente chamado de *Conto das Duas Cidades*, que dá conta de como a Liturgia Bizantina adquiriu sua forma neste período através de uma síntese do que era o Antigo Rito da Catedral de Constantinopla com o Rito dos cristãos helenófonos de Jerusalém. Antes do século VII, Jerusalém era um importante centro difusor da liturgia, influenciando as formas de realizar a oração comunitária em todo o ecúmeno cristão. Porém, os diversos acontecimentos no Império Bizantino, como a captura da Siro-Palestina pelos muçulmanos (636-640) fez com que a importância relativa da Cidade Sagrada da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus fosse bastante diminuída. Já na primeira metade do século VII, verificou-se uma troca mútua de influências entre Jerusalém e Constantinopla. Após o iconoclasmo, contudo, Constantinopla passou a dominar litúrgicamente, *bizantinizando* as demais liturgias até então em uso pelos cristãos calcedônicos do Oriente de modo gradual.

Para São Teodoro, os novos hinos provenientes do Mosteiro de São Sabas eram ideais no combate ao iconoclasmo que, mesmo condenado, ainda contava com certo número de adeptos mais ou menos influentes na capital imperial. Assim, no Mosteiro do Estúdio, passou a se usar o *Horologion* palestino, no qual foram enxertadas as litanias e orações da Catedral de Constantinopla. As diversas coleções de hinografia passaram então a ser agrupadas, de modo a formar três ciclos no ano litúrgico: um diário (*Octoechos*, c.século VIII), um quaresmal e pascal (*Triodion*, c.século X) e um fixo (*Menaion*, c.século X). Nasceu assim o *Typikon*, um livro que determina e regula o uso desses três ciclos.



## Transformação arquitetônica

As mudanças mais significativas deste período, entretanto, ocorreram na área da arquitetura eclesiástica. Com o *Triunfo da Ortodoxia*, também houve o triunfo de uma mistagogia mais histórica. Com isso, as igrejas passaram a ser ornadas com muitos ícones, e a Catedral de Constantinopla e o conjunto de igrejas metropolitanas que orbitavam ao seu redor receberam inúmeros mosaicos em seus interiores. Elas também se tornaram menores, sem átrio e entradas monumentais, sem galerias, sem *synthronon*, sem *skeuophylakion*. O ábside passou a ter um formato triplo, no centro; e a parte do santuário, dos lados, duas salas, as *pastophoria*: a *diakonikon* (sacristia) e a *prothesis* (que como o nome sugere era onde se realizava a *prothesis*).

## A síntese médio-bizantina

A Reforma Estudita, iniciada no século IX, aprofundou-se até o século XII, deixando o Rito Bizantino impregnado dos usos de Jerusalém, de forma especial no *Horologion*, e de modo menos impactante na Divina Liturgia propriamente. Esta continuidade das transformações foi chamada de *síntese médio-bizantina*. Nela, além da inclusão dos *Apolitiquions* e dos outros ciclos litúrgicos, no que se refere à hinografia, iniciam-se duas fusões importantes. A primeira é a das formas das duas Divinas Liturgias, que tinham uma estrutura diferente e passaram a ter a mesma estrutura, com mudanças apenas nas orações. Isso permitiu que as Divinas Liturgias passassem a ser usadas com a frequência que são hoje. Até aquele momento, a Divina Liturgia de São Basílio era usada todos os domingos, enquanto a de São João Crisóstomo nos dias de semana. A segunda fusão foi a dos usos monásticos com os usos paroquiais, principalmente no que se refere à música. O *canto bizantino* passou a ter uma maior importância que a salmodia.

Na arquitetura, a tendência à diminuição dos espaços aprofundou-se ainda mais. Uma sala separada para a *prothesis* também tendeu a desaparecer, ficando o altar de preparação diretamente junto ao santuário; com isso as procissões adquiriram o formato que tem hoje na liturgia bizantina, iniciando-se e terminando no santuário. A vitória de uma mistagogia mais histórica também deixou diversas marcas: um aprofundamento do simbolismo nas celebrações, um aprofundamento da decoração iconográfica nas igrejas, e a inclusão de uma série de novas orações com temas desta mistagogia. É nesse período que começou uma cristalização de diversas orações, diminuindo a diversidade

hinográfica que havia imediatamente antes. Como já foi pontuado, o *Triunfo da Ortodoxia* levou também a um maior prestígio dos monges, e isso de tal forma que a liturgia, de um modo geral, tornou-se mais monástica, com maior carga simbólica, mais simplificada e mais privada. As monumentais igrejas e procissões estavam relegadas ao passado, pois a oração comunitária dos cristãos bizantinos tornou-se então decisivamente mais simples, mais densamente simbólica e muito mais pessoal.

Todas essas mudanças e inovações criaram a necessidade de um livro que regulasse a liturgia, de modo a controlar possíveis extravagâncias e até desvios heréticos, introduzidos especialmente nos ritos preparatórios. Surgiu assim a *Diataxis*, de forma a normatizar a celebração. Entre os séculos XII ao XV, os monges bizantinos redigiram diversas *Diataxis*, mas apenas uma delas conseguiu se sobrepôr e se tornar norma mais ou menos geral.

### *A Reforma Atonita*

A destruição do Santo Sepulcro em 1009 e as perseguições aos cristãos por parte dos muçulmanos durante esse período fizeram com que os monges de Jerusalém buscassem uma aproximação mais decisiva da liturgia de Constantinopla, importando também para a Siro-Palestina a Reforma Estudita e seus desdobramentos. Porém, eles fizeram adaptações na síntese dita médio-bizantina, pois aquela região havia se tornado extremamente insegura para os cristãos como um todo. Criou-se neste período uma verdadeira *liturgia no cativo*. Uma multiplicidade de novos usos surgiu neste contexto. Para regular isso, cada mosteiro tinha um *ordinário*, ou, como chamava o monge Nikon do Monte Negro (m.1100), um *Typicon*. Aliás, Nikon foi o primeiro a reparar que havia uma diversidade nos usos monásticos em uso entre os cristãos calcedônicos da Terra Santa ao mesmo tempo que reconheceu a origem estudita comum entre eles.

Se por um lado a liturgia das Igrejas Calcedônicas no Oriente Médio se bizantinizava, por outro, um novo influxo hierosolimitano se deu em Constantinopla a partir do século XIII. As razões para isso não são claras. Especula-se que a impossibilidade de manter a liturgia catedralícia, por conta do estabelecimento do Império Latino do Oriente (1204-1261), e as mudanças na vida monástica possam ter causado isso. Então o monasticismo bizantino estava bem diferente daquilo que tinha sido durante o tempo de São Teodoro Estudita. Os centros monásticos da Ásia Menor perderam importância com a invasão turca e os da capital com a dominação latina. Ganharam

importância os da região da Grécia, em especial os do Monte Atos, cuja jurisdição estava diretamente ligada ao Patriarcado de Constantinopla desde 1312. A vida monástica bizantina assim mudou seu centro gravitacional, forma de estruturação e dinâmica. Em vez de estarem ligados a centros urbanos, passaram a estar ligados a uma vida mais rural. A disciplina se tornou menos rígida, e o modelo cenobítico dos estuditas não tinha mais espaço. Por sua vez, o modelo das *lavras* e *sketes* da Palestina, que eram mais simples e menos estruturados, mostrou-se ideal para o mundo bizantino daquele tempo. No início do século XII, o *Typikon* de Evergetis, usado no Mosteiro do Estúdio, apresentou um novo influxo litúrgico palestino, e, durante o correr deste mesmo século, esse *Typikon* se tornou base para os demais, fazendo com essa influência atingisse os demais mosteiros nos quais estavam em uso a liturgia bizantina, inclusive os do Monte Atos.

Após a vitória doutrinal e político-eclesiástica dos hesicastas no século XIV, o Monte Atos passou a ser a nova principal referência para os mosteiros bizantinos. E através dessa influência, o *Typikon* de São Sabas, usado lá, difundiu-se para o resto do mundo bizantino e para as demais regiões sob sua influência. Um ponto de uniformização, porém deu-se com o Filoteu de Constantinopla (*m.*1379), dito *Cocino*. Ele foi abade da Grande Lavra no Monte Atos e foi Patriarca de Constantinopla por dois períodos (1353-1354 e 1364-1376). Durante o seu governo abacial, ele compôs duas *Diataxis*, uma concernente à Divina Liturgia e outra para o *Divino Ofício*, ou seja, a *Liturgia das Horas*. Durante o seu segundo período de governo patriarcal, ele estreitou relações com as comunidades locais dos Balcãs e da Europa Oriental, assim como com as Igrejas Calcedônicas presentes no interior do ecúmeno muçulmano, fazendo de suas rubricas a regra do Rito Bizantino.

A queda de Constantinopla sob o avanço turco-otomano em 1453 também ocasionou novas mudanças. Com o fim político do Império Bizantino, passou a ser a Igreja a instituição que de alguma forma mantinha vivo o *espírito bizantino*. Assim sendo, os bispos passaram a usar a coroa e o *sakkos* – uma veste parecida com a dalmática –, que eram vestes de exclusivo uso imperial.

Até o final do século XV, a Regra de Filoteu se tornou norma na Igreja da Rússia, graças às ações iniciais do Metropolita Cipriano de Kiev (1381-1382 e 1390-1406). A única região em que se celebrava o Rito Bizantino que não adotou a Reforma Atonita de Filoteu foi o sul da Itália. Ali o Império Bizantino já não tinha grande influência e manteve-se uma liturgia própria de notável origem estudita. Até o século XVI, a maior parte dos usos locais havia desaparecido em

favor da *Diataxis* de Filoteu. E o século XVII marcou o fim do *período formativo* do Rito Bizantino, quando, graças à expansão da imprensa, cristalizou-se em texto devidamente padronizado a diferenciação entre aquilo que era norma e aquilo que eram usos locais, especialmente do sul da Itália e da Rússia. Isso não significou, contudo, que não houve mais mudanças, mas apenas que tais modificações não só não foram mais gerais, mas também que se deram mais a nível local.

### *Conclusão*

Muitos são os têm a errônea ideia de que o Rito Bizantino seria *mais antigo* ou *apostólico* que o Rito Latino, mas como fica claro pela apresentação de sua história, ele passou por inúmeras transformações, só se estabilizando no século XVII, algo bem recente, em termos históricos e litúrgicos. É claro que ele tem orações de origem apostólica e dos Santos Padres, mas isso o Rito Latino também tem, demonstrando sua igual dignidade. Na liturgia se encontra o antigo e o novo, de forma orgânica, de forma a alcançar aquilo que é o seu objetivo, ou seja, ser o ofício do povo para Deus. Um ofício que é fundado na tradição, mas que também fala aos homens de cada tempo, sendo assim, uma *tradição viva*. A tradição viva bizantina revela também sua força. Durante os séculos ela sintetizou dentro de si diversas tradições: de Antioquia, da Capadócia, de Jerusalém, entre outras, fazendo dela, de alguma forma, não só a tradição litúrgica majoritária do Oriente Cristão, mas também a liturgia oriental por excelência.

### **Referências:**

GALADZA, D. Conclusion: Worship in Captivity. In: *Liturgy and Byzantinization in Jerusalem*. Oxford: Oxford University Press, 2018, pp. 350-357.

KHATLAB, R. *As Igrejas Orientais Católicas e Ortodoxas: tradições vivas*. São Paulo: Ave Maria, 1997.

MATEOS, J. The evolution of the Byzantine Liturgy. In: *John XXIII Lectures*. Nova Iorque: John XXIII Center For Eastern Christian Studies at Fordham University, 1966.

SCHULZ, H.-J. *The Byzantine Liturgy: Symbolic Structure and Faith Expression*. Nova Iorque: Pueblo, 1986, pp. 4-10.

TAFT, R. F. *Liturgy in Byzantium and Beyond*. Farnham: Ashgate, 1995.

TAFT, R. F. *The Byzantine Rite: A Short History*. Collegeville: Liturgical Press, 1992.